



Sexualidade na Escola: Do Entendimento dos/as Professores/as à Prática em Sala de Aula Sexuality on School: From the Knowledge of the Teachers to the Practice in Classrooms

Ellis Regina Ferreira dos SANTOS/UEPB*

Idalina Maria Freitas Lima SANTIAGO/UEPB*

RESUMO

Os dados apresentados neste artigo constituem-se em considerações acerca da importância de se pensar a discussão da sexualidade, no âmbito escolar. Para tanto, buscou-se conhecer como os como professores/as da 8ª série de uma escola pública e de uma escola particular da cidade de Campina Grande - PB se posicionam diante das questões inerentes à sexualidade, ou seja: Vão de encontro ou reforçam os pressupostos de que a vivência da sexualidade deve ser determinada a partir da heterossexualidade como norma? Consideram outras formas de vivência da sexualidade? E como as compreende? Efetivamente, os/as professores/as abordam as temáticas de sexualidade em suas experiências em sala de aula? Trata-se de estudo descritivo-analítico, utilizando entrevistas semi-estruturadas e análise de conteúdo.

PALAVRAS-CHAVES: Educação, sexualidade.

ABSTRACT

The facts presented within this article are composed considering the importance of thinking about the discussion of sexuality within the school environment. For such, I look to learn how 8th grade professors at a public school and a private school in the city of Campina Grande, Paraíba, Brazil, position themselves as to the questions inherent to sexuality, these being: Are they looking for or reinforcing the pre-concepts that sexual life should be determined from heterosexuality as the norm? Do they consider other forms of sexual activity? And how do they understand them? If in fact the professors take-on the subjects of sexuality within their classroom? This is an analytical descriptive study, using semi-structured interviews and the analysis of content.

WORD-KEY: Education; sexuality.

INTRODUÇÃO

Este artigo se constitui numa discussão sobre a relevância de se desenvolver, no cotidiano escolar, ações pedagógicas que levem em conta o aprendizado e a valorização da identidade dos/as educandos/as e das suas relações com o outro. Partiu-se do entendimento de que a sexualidade é um aspecto que contribui para os/as mesmos/as se descobrirem como sujeitos de suas vidas, pois, ao mesmo tempo em que são socialmente determinadas, suas ações no mundo também interferem nesse mesmo contexto social.

Nesse sentido, espera-se que a escola do século XXI repense a concepção de ser humano, de maneira a reconhecê-lo como um ser capaz de avaliar seus atos e transformar sua realidade. Santos (1999: 136)

* Universidade Estadual da Paraíba/Departamento de Psicologia. Rua Francisco Alves, 655, Presidente Médici. Campina Grande/PB. CEP 58100-000 E-mail: ellisrf@yahoo.com.br

* Universidade Estadual da Paraíba/Departamento de Serviço Social. Rua Wilson Furtado, 246, apto 22, Catolé. Campina Grande/PB CEP 58105-145. E-mail: imfls@uol.com.br/

considera que “os novos conhecimentos científicos – humanos e tecnológicos – permitem analisar o atual contexto e identificar as novas necessidades educacionais. Nessa perspectiva, a escola, em sua função social, seus objetivos, suas estruturas e suas dinâmicas, pode e deve ser revista”.

Rever as práticas educativas desenvolvidas na escola parece ser, então, a grande meta da contemporaneidade. Seria, nesse sentido, considerar que:

Atualmente, o repensar educacional tem reforçado o fim último (ou primeiro), da escola, que é promover a integração e o bem-estar do indivíduo e da coletividade, porém, a partir de uma nova visão de homem e de mundo. Mais do que nunca necessitamos de mudanças no processo de ensinar e de aprender na escola (SANTOS, 1999: 136).

Dessa forma, implantar no contexto escolar esse olhar educacional – o qual pode reconhecer, entre outros aspectos, que a discussão sobre a sexualidade contribui para que as pessoas se descubram como sujeitos de suas vidas - abre espaço para se pontuar algumas reflexões sobre a sexualidade, reflexões essas que vêm despontando como um caminho possível nessa busca do entendimento da totalidade do ser e como um fundamento para um novo fazer pedagógico.

Para Bleier (1984 *apud* GOLDENBERG, 1999: 178), a sexualidade é “(re) conceitualizada como fenômeno relacional. Em vez de um fenômeno natural, biológico e individual, dá-se ênfase à relação e ao aprendizado, vendo-se a sexualidade como ‘[...] uma interfase com o mundo e com outras pessoas e [...] densa zona de interação’”.

Parker (1999), enfocando a sexualidade como sendo socialmente construída, considera que a existência de variações culturais contradiz as noções de papéis universais de gênero e de sexualidade feminina uniforme. Essa atenção à variabilidade cultural dos papéis de gênero, alimentada pela luta por direitos reprodutivos, inspirou uma reconfiguração analítica das categorias de sexualidade e gênero. Campanhas por maior acesso ao controle da natalidade e pelo aborto estavam baseadas numa diferenciação teórica entre a sexualidade feminina e os tradicionais papéis femininos de gênero.

Segundo o mesmo autor, a compreensão da sexualidade como socialmente construída tem redirecionado grande parte da atenção da pesquisa antropológica e sociológica não apenas para os sistemas sociais e culturais que modelam a experiência sexual, mas também para as formas através das quais essa experiência é interpretada e compreendida. Essa visão tem, cada vez mais

focalizado a atenção da pesquisa sobre a natureza intersubjetiva dos significados sexuais – seu caráter compartilhado, coletivo, considerado não como propriedade de indivíduos isolados ou atomizados, mas de pessoas distintas e diversas. A partir dessa perspectiva, a experiência subjetiva da vida sexual é compreendida, literalmente, como um produto dos símbolos e significados intersubjetivos associados com a sexualidade, em diferentes espaços sociais e culturais (PARKER, 1999: 132).

Para esse autor, tem ocorrido, ao longo da última década, uma série de mudanças fundamentais nas formas pelas quais a sexualidade humana tem sido investigada e analisada. De forma crescente, particularmente nos anos oitenta e noventa do século XX, a atenção da pesquisa tem-se voltado para a “construção social da vida sexual e para os complexos sistemas culturais e sociais que moldam e estruturam os contextos nos quais as interações sexuais têm lugar e adquirem significado para atores sociais específicos” (PARKER, 1999: 143).

Vale observar que, de acordo com Loyola (1999), embora relegados durante muitos anos a ocupar um estatuto marginal no plano das ciências, notadamente das ciências sociais, os estudos empíricos sobre a sexualidade se multiplicaram de forma significativa com o surgimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), a partir da década de 1980. Concebidos no interesse da medicina preventiva, esses estudos focalizaram, principalmente, o comportamento e as práticas sexuais, sendo estas geralmente delimitadas pela noção de risco no sentido epidemiológico do termo. Assim,

se por um lado eles chamaram a atenção para alguns aspectos da sexualidade contemporaneamente, por outro contribuíram para que ela terminasse por ser, com frequência, associada à sua dimensão puramente comportamental, reforçando uma concepção, além de redutora e racional, biologizante e naturalizada da sexualidade, que alguns trabalhos de cunho histórico e feminista vinham tentando ‘desconstruir’ (LOYOLA, 1999: 31).

A sexualidade nos coloca diante da dialética entre generalização e especificidade; elementos existentes na experiência de cada pessoa. A sexualidade é uma experiência histórica e pessoal ao mesmo tempo (FARIA, 1998).

Heilborn (1996) pontua que a sexualidade não é fixa, os significados e os conteúdos a ela atribuídos podem variar não somente ao longo da história, de um povo para outro e entre os diferentes grupos sociais em uma mesma cultura, mas também ao longo da vida dos indivíduos.

A sexualidade também é produzida cultural e socialmente. Segundo Louro (2000: 35):

as formas de viver nossos prazeres e desejos não estão dadas, prontas, pela natureza; há toda uma complexa combinação de sentidos, de representações, de atribuições que efetivamente vão constituir aquilo que chamamos sexualidade. E, mais uma vez, esses sentidos, representações ou atribuições nunca são fixos ou estáveis.

Dentro deste contexto, Loyola (1999) destaca que é importante considerar, na pesquisa empírica sobre a sexualidade, a biografia ou a trajetória sexual dos indivíduos, além do contexto em que elas se realizam.

Conceituando sexualidade, Barbieri (1993: 7) considera-a como “o conjunto das maneiras as mais diversas de relacionamento das pessoas enquanto seres sexuados, com outros seres também sexuados, em intercâmbios que, como tudo o que é humano, são ações e práticas carregadas de sentido”.

Para Caridade (1999: 17), a sexualidade é a dimensão do sujeito que mais recebe influência e controle por parte do social. Ou ainda, “a sexualidade situa-se nesse ‘entre’ o corpo e o imaginário que vai sendo plasmado em cada sujeito, cada povo, cada cultura, sem que se perceba a sutil manipulação que é feita em tons de proposta feliz”.

Loyola (1999) destaca que repensar as relações entre os sexos, a sexualidade e a reprodução biológica e social é repensar as relações de dominação de um sexo sobre o outro e toda a estrutura de relações sociais, montada a partir dessa relação. Logo, “fazer emergir a sexualidade dessas relações, e como fazê-lo, a partir de um pensamento que tem como base inconsciente as diferenças entre os sexos” se constitui em um problema e um desafio que se colocam para as ciências sociais (LOYOLA, 1999: 35).

Dentro desse contexto, o presente artigo problematizou os seguintes aspectos. Considerando-se que as questões sobre a sexualidade exercem fortes influências na construção da pessoa e que o processo educativo desencadeado no ambiente escolar é significativo para informar estas relações entre seus alunos; considerando-se também que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) enfatizam as discussões da sexualidade como Tema Transversal no saber/fazer escolar; e considerando-se, ainda, que efetivamente os/as professores/as deparam com as questões de sexualidade em sala de aula, especificamente em turmas que incluem pré-adolescentes e adolescentes entre o alunado; interroga-se: Como professores/as – protagonistas principais desse processo – se posicionam diante das questões inerentes às relações de sexualidade? Ou seja: Vão de encontro ou reforçam os pressupostos de que a vivência da sexualidade deve ser determinada a partir da heterossexualidade como norma? Consideram outras formas de vivência da sexualidade? E como as compreende? Efetivamente, os/as professores/as abordam as temáticas de sexualidade em suas experiências em sala de aula?

MATERIAL E MÉTODOS

Este artigo procura analisar o entendimento de professores/as da 8ª série de uma escola pública e de uma escola particular da cidade de Campina Grande - PB sobre a sexualidade. Caracteriza-se como um estudo descritivo-analítico, tendo como amostra 10 participantes, assim distribuídos: na escola pública foram entrevistados 03 participantes do sexo feminino e 02 do sexo masculino; igualmente, na escola particular foram entrevistados 03 participantes do sexo feminino e 02 do sexo masculino. A não obtenção da paridade entre os gêneros para composição da amostra se deu em virtude de essas escolas apresentarem quantidades diferenciadas de professores/as, sendo, em ambas as escolas, maior a quantidade de professoras. Vale ressaltar que determinadas disciplinas apresentam mais de um/a professor/a, mas estipulou-se como um dos critérios da pesquisa entrevistar um participante por disciplina. É importante destacar, também, o critério de acessibilidade para a composição da amostra, posto que nos primeiros contatos estabelecidos, dispuseram-se mais professoras do que professores a participar da pesquisa. Assim, nem todas as disciplinas foram contempladas, engajando-se professores/as das disciplinas de Ciências, História, Geografia, Educação Física e Português.

O instrumento de coleta de dados consistiu em entrevistas semi-estruturadas contendo perguntas abertas, as quais passaram antes pela apreciação e aprovação do Comitê de Ética da Universidade Estadual da Paraíba. As referidas entrevistas foram gravadas e depois transcritas na íntegra. Os dados foram analisados à luz da análise de conteúdo, segundo Bardin (1977), Triviños (1987) e Gil (1991).

Os dados coletados foram agrupados e organizados através de categorizações realizadas a partir da análise qualitativa do conteúdo apreendido no discurso dos sujeitos da pesquisa. Dentro do espectro das categorias inerentes à sexualidade, evidenciaram-se, para efeito deste artigo, as subcategorias: heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através dos dados analisados, observou-se que os/as pesquisados/as demonstraram certo domínio sobre as questões da sexualidade, denotando tratar-se de uma discussão familiar ao seu cotidiano. Somente um professor e uma professora demonstraram dificuldade em expressar sua compreensão acerca do tema.

Nesse sentido, dos/as dez entrevistados/as, metade (três professoras e dois professores) relacionou a categoria sexualidade à troca de afeto entre heterossexuais, destacando também a questão da procriação.

[...] seria a relação de amor, de aproximação, de vamos dizer, contato.[...]Eu quando falo em sexualidade, eu vejo a questão do homem, da mulher, eu vejo a questão da troca de atenção, de carinho (Entrevistada 05, escola particular, história).

É um ato de sexo entre homem e a mulher, os animais também, primeiro vem a questão de um amar o outro, que na minha opinião isso seria um passo para um relacionamento sexual entre o casal e tem a finalidade também do casal ter filhos para futuramente ter uma boa família (Entrevistado 08, escola pública, educação física).

Essas falas associaram a sexualidade unicamente à relação afetiva entre homens e mulheres, não se referindo a outras formas de vivência da sexualidade, terminando por reforçar a relação heterossexual como norma social. Além de sinalizarem a questão do envolvimento amoroso entre casais heterossexuais, remetem também à tradicional perspectiva que circunscreve a sexualidade à reprodução biológica.

Nesse sentido, numa busca em contrapor-se a esse entendimento, esclarecendo haver outras formas de se viver a sexualidade para além da relação heterossexual, pode-se encontrar suporte no posicionamento de Britzman (1996 *apud* LOURO, 1997: 27), a qual considera que não existe, de um lado, “uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um constructo instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada”.

Dois entrevistados sinalizaram para a conotação de sexualidade como construção social específica dos seres humanos, associando-a à relação de proximidade/envolvimento entre as pessoas.

A entrevistada 02 pontua em sua fala posicionamentos contrários à visão de uma sexualidade puramente voltada para o ato sexual, mas destaca ser este uma consequência da sexualidade que tem razão de ser na expressão de um envolvimento, de um diálogo, a descoberta de si e do outro. Aponta para uma visão da sexualidade como construção social inerente às sociedades humanas, não aparecendo na sua argumentação o indicativo heterossexual como condição para o exercício da sexualidade.

A sexualidade é exatamente aquela parte sexual que é vivida pelo ser racional que sabe que sexo não é apenas prazer, mas é complemento além de tudo, que o sexo ele só pode ser realmente vivido quando há uma integração. Que é a sexualidade? Quer dizer: esse relacionamento de carinho, de amor, de diálogo, pra mim isso é sexualidade (...) O que vai vir seria o puro sexo, seria apenas o ato sexual em si, isso daí já é o resultado de uma sexualidade, agora o animal vive o sexo, porque é tanto que o animal só procura o outro em regra geral para procriar, no cio, e isso não acontece com o ser humano, com o ser humano é diferente, a gente tem que ter todo aquele envolvimento, aí eu considero sexualidade (Entrevistada 02, escola particular, português).

O entrevistado 09 expressa com clareza seu entendimento de sexualidade como um envolvimento possível entre homem-mulher, homem-homem, mulher-mulher, demarcando uma postura permissiva a várias formas de vivência da sexualidade, conforme expressa sua fala:

Bom, sexualidade, vamos dizer assim: a sexualidade faz parte do contexto normal da sociedade, na medida que vamos crescendo, chega uma época em que há uma tendência ou alguns fatores nos levam a desenvolver a sexualidade. Então, vamos conceituar a sexualidade como as relações entre os seres humanos, no sentido de envolvimento homem-mulher, homem-homem, mulher-mulher (Entrevistado 09, escola pública, geografia).

O último aspecto suscitado diz respeito ao entendimento de uma professora entrevistada, que aponta ser a sexualidade algo natural das espécies. Ou seja:

“[...] eu fico entre o exercício sexual propriamente dito ou essa coisa que se expressa do interior de cada ser humano; esta questão da sexualidade é uma questão acho que natural das espécies, inclusive do ser humano” (Entrevistada 10, escola particular, geografia).

Como se percebe, a referida entrevistada aponta para o entendimento da sexualidade como algo intrínseco à natureza humana e às outras espécies animais, não se reportando para a perspectiva de construção social. Faria (1998), de maneira geral, destaca em seus estudos referentes a questões como essa que, quando se considera a prática da sexualidade um ato natural ou simplesmente biológico, a tendência é ver todas as insatisfações e incômodos como uma resposta individual e como um problema individual. A naturalização da sexualidade constitui-se em

um dos principais mecanismos para fazer parecer que existe uma essência sexual, uma forma imutável, e que seriam naturais as diferenças entre homens e mulheres no campo da sexualidade. O estudo de outras culturas, a partir da antropologia e da história, foi mostrando as diversas mudanças de um momento para outro, de um povo para outro e também as diferenças dentro de uma mesma cultura. Mostrou também que as relações pessoais, a família e o sexo são elementos construídos de acordo com a economia, o tipo de trabalho, a tecnologia, a religião e a ciência (FARIA, 1998: 11).

Por fim, cabe apresentar as falas dos depoentes que demonstraram não possuir familiaridade com a temática sexualidade:

Sexualidade, não sei. Eu sei pra mim, mas explicar! (Entrevistada 04, escola pública, português).

Olha, esses temas assim de relação sexual eu sou muito fechado com esse assunto; eu sou muito voltado, muito assim, minha educação, é tipo um bloqueio que nós temos, quando se trata de assuntos sexuais, desse assunto assim, eu acho muito constrangedor falar, não gosto nem de dar minha opinião sobre isso. Porque eu mesmo não tenho muita afinidade. Eu sou, assim particularmente, eu acho que não é o cabra ser machista, entendeu? Eu vivo a minha vida e pra mim se 'A' ou 'B' é ou não é homem, é ou não é mulher, que cada um viva a sua vida, entendeu? Dentro da sua realidade (Entrevistado 03, escola particular, educação física) .

A fala da entrevistada 04 tanto suscita não familiaridade com o termo, como uma dificuldade em falar sobre a temática. Já o entrevistado 03 assume o constrangimento em expressar sua opinião acerca da sexualidade e explica que essa não familiaridade tem suas raízes no tipo de educação recebida. Ele termina sua argumentação associando o termo sexualidade também à vivência de um tipo de relacionamento sexual, o homoerótico, demonstrando desconforto com este tipo de prática sexual.

Dando continuidade às análises sobre os entendimentos de sexualidade, passar-se-á agora a discorrer sobre as concepções de heterossexualidade, homossexualidade e bissexualidade.

Observou-se que seis entrevistados/as (três professores e três professoras) referendaram a heterossexualidade como a relação ideal, correta, reafirmando, assim, padrões tradicionais rígidos para as relações sexuais entre homens e mulheres. Exemplificando essa compreensão, seguem-se dois depoimentos dos/as entrevistados/as:

Hetero seria a relação de homem com mulher. Então eu acho que é o mais comum, o mais correto. Mas não condeno ninguém por outros métodos. Eu acho que a relação correta seria homem e mulher. Mas se em minha família aparecer alguém que tenha outra atitude, eu não vou condenar. [...] Eu acho assim, não sei se é a questão bíblica, religiosa que eu tenho, mas eu acho mais normal até por questão de procriar, questão de você se mostrar pai, mãe. Acho que só por isso mesmo, mas acho o se sentir bem mesmo dentro da relação, aí eu já penso diferente, é com quem você achar melhor” (Entrevistada 05, escola particular, história).

Nessa fala, é perceptível que a entrevistada enfatiza a relação heterossexual como a mais correta, e a justificativa dessa sua escolha está nos preceitos religiosos. Ela tem consciência das amarras a que sua religião a condicionam. Tanto que, mesmo querendo demonstrar um pensamento menos conservador em relação às opções sexuais homoeróticas das outras pessoas, ela não se mostra inteiramente de acordo com esse posicionamento, pois a sua maneira de perceber a opção sexual está fortemente arraigada ao que sua religião dita como norma: que é a relação entre homens e mulheres com a finalidade da procriação.

No depoimento do entrevistado 9, predomina a visão da heterossexualidade como norma social.

Em relação a minha opinião a esse tipo de relação sexual, eu sou plenamente a favor, acho que é a forma natural de ser. Discordo do homossexualismo que não deve ser assim, discordo do relacionamento mulher-mulher, também acredito que não deve ser assim. Porque o normal, acho que o natural da vida sexual, ela dever estar dentro do casamento e deve ter duas finalidades: uma reprodução e outra prazer de um em relação ao outro (Entrevistado 09, escola pública, geografia).

O entrevistado associa a questão da heterossexualidade à forma natural de ser das pessoas, ou seja, seu posicionamento está baseado numa concepção de que é própria da natureza humana a condição de homens e mulheres relacionem-se entre si. Ele reafirma a normalidade das relações heterossexuais por uma finalidade maior a ser atingida, qual seja: a procriação.

No entanto, há possibilidades de se desmistificar esse entendimento de que o primordial numa relação sexual é a reprodução da espécie. E nesse sentido, podem-se buscar formas de se pensar essa desmistificação através de teóricos como Loyola (1999), que pontua:

[...] a relação sexualidade x reprodução permanece como um problema para todas as disciplinas que desejam pensá-la, não apenas como efeito ou produto final de outras instâncias, observável na prática sexual dos indivíduos, isto é como comportamento ou atividade sexual. Nem todos os autores enfrentam esses problemas ou o fazem de maneira direta. Entretanto, é inegável a presença, sobretudo na literatura mais recente, de um esforço de desconstrução ou de revisão dessa concepção ‘naturalizada’ da sexualidade, que a mantém ligada à reprodução biológica da espécie, lamento fundamental de nosso inconsciente coletivo e dos historiadores e sociólogos brasileiros que se dedicaram ao seu estudo (LOYOLA, 1999: 33).

Outro aspecto, contrário ao apresentado anteriormente, pode ser aqui discutido, qual seja: o entendimento da heterossexualidade como uma questão de opção sexual, apresentado por três professoras. O depoimento abaixo serve como exemplo:

A heterossexualidade, bom, eu acredito como algo normal, algo natural tanto no contexto heterossexual como no contexto homossexual. A heterossexualidade seria a relação entre

homem e mulher. Assim como nós temos também as relações homossexuais: homem-homem, mulher-mulher; como algo natural em todos os sentidos tanto para um contexto quanto para o outro, questão de opção literalmente (Entrevistada 10, escola particular, geografia).

Não há na fala da professora 10 a presença de padrões tradicionais rígidos para as relações sexuais entre homens e mulheres, mas sim evidências de ressignificação desses padrões, de modo a se perceber as variações da vivência da sexualidade como algo normal, uma questão de escolha. Vale destacar que a questão aqui não é assumir uma defesa pelas outras vivências da sexualidade em detrimento das relações heterossexuais, mas suscitar uma reflexão de mais abertura às várias vivências da sexualidade.

No referente à análise do entendimento dos/as entrevistados/as sobre a homossexualidade, verificou-se que, dos/as dez entrevistados/as, três professoras expressaram um entendimento da homossexualidade como sendo uma questão de opção.

Nossa, eu acho que ninguém tem o direito de punir ninguém pela sua escolha. [...]. Agora a gente vive numa sociedade onde a discriminação é muito grande, cabe a gente começar a educar as pessoas para o direito de liberdade que as pessoas têm de usar sua vida como quer. Eu acho que o sexo é uma coisa livre. A gente faz com quem se sente bem (Entrevistada 05, escola particular, história).

É perceptível, nessa fala, a expressão de um pensamento de abertura às variações de vivência da sexualidade. Esse aspecto parece ter suas raízes na liberdade de escolha - embora sejam feitas ressalvas no tocante às posturas repressoras que circulam na sociedade - no sentido de que as pessoas revejam as suas formas de pensar para evitar atitudes de discriminação.

Nenhum professor se colocou favorável a considerar a homossexualidade como uma questão de opção. Parece que os professores dessa amostra não convergem sua linha de pensamento para defesa da liberdade de escolha do/a parceiro/a, mas navegam seu entendimento, como será visto a seguir, muito mais entre os fatores de não aceitação das variações da sexualidade.

Nesse sentido, dos quatro professores participantes deste estudo, um deles fez referência à não aceitação da homossexualidade apoiando-se em princípios religiosos, alocando a sexualidade à função reprodutiva; outro nada opinou; e os dois outros entrevistados relacionaram a homossexualidade à doença/anormalidade:

Acredito assim que, de acordo, assim, com os princípios de Deus, princípios bíblicos, é, as relações sexuais devem existir entre as pessoas que casaram, que vivem, que podem desfrutar tanto da reprodução, podem ter filhos, como também do prazer entre ambas as partes” (Entrevistado 09, escola pública, geografia).

O tipo de relacionamento normal é entre o homem e a mulher, sabemos que existe o homossexualismo feminino, o masculino, eu acho uma anormalidade, eu acho que eles deveriam procurar ajuda, como nas escolas que têm um suporte adequado para isso através

de psicólogos e fazer um tratamento em cima disso. Na minha opinião é um comportamento anormal (Entrevistado 07, escola particular, ciências).

Na minha concepção é um problema que já vem quando ambos já nasce com aquilo, não sei se tem tratamento, não sei se isso aí tem tratamento (Entrevistado 08, escola pública, educação física).

Seguindo a mesma argumentação de condenação da vivência homoerótica, para duas professoras a homossexualidade aparece com sendo uma relação não aceitável por conta, principalmente, dos preceitos religiosos. Nesse sentido, a fala abaixo é bastante esclarecedora:

Eu não sou muito sensível a isso não. Não apoio, assim. Tem gente que diz que é normal, tal, tal, mas isso é de mim mesmo, não aprovo não. Porque eu não gosto desse tipo, eu acho que Deus deixou o homem para a mulher e vice-versa. Quem cria alguma coisa é lenda, é moda (Entrevistada 04, escola pública, português).

É perceptível, na fala da maioria dos/as entrevistados/as, a busca por uma justificativa de negação do desejo homoerótico como uma opção sexual, de forma que fazem perdurar preceitos, hoje já combatidos cientificamente, como a questão de considerar a homossexualidade uma doença ou uma anomalia. O que prevaleceu entre os posicionamentos expressos pelos/as participantes foi a negação da homossexualidade como vivência da sexualidade.

Uma das últimas entrevistadas deixa em evidência seu conhecimento acerca das duas concepções reinantes na sociedade acerca da questão do homoerotismo: uma que defende a possibilidade de ser uma opção, assentada em bases construcionistas; a outra vinculada ao determinismo biológico, algo com que a pessoa já nasce, a qual encontra anteparo em algumas pesquisas do ramo da genética. Na dúvida, a professora escolhe assumir uma postura de neutralidade diante dessa questão. Neutralidade essa que parece questionável, pois, uma vez que coloca a homossexualidade como um tipo de relação não aprovável, deixa claro que o mais forte na sua maneira de pensar é a afirmação da heterossexualidade.

Primeiro o homossexual, eu penso assim tem muito que se discutir, porque hoje a psicologia, sei lá, uma série de especialistas mostram por esse lado que fulano realmente tem que ser assim, são casos que não tem como evitar, e vai aquela questão toda, e já há outros que puxam mais para o lado de que você quer. Ah! Fulano ta fazendo isso porque quer, ta achando engraçado, ta na mídia. Eu fico meio neutra nesse sentido. É uma escolha? Ou ele apenas já nasceu para aquilo, não tem como evitar. Só que eu não sou contra, pelo menos tenho casos até na família, sei dessas questões e levo normalmente. Não apoio, tá entendendo, mas também não aponto, eu fico neutra nesse sentido (Entrevistada 06, escola pública, história).

Referendando a discussão da perspectiva amplamente disseminada na sociedade ocidental da homossexualidade como doença, Faria (1998: 26) destaca que:

Assim como os gêneros, as formas de sexualidade masculina e feminina aparecem como parte da 'natureza humana', vinculadas à reprodução, num contexto em que a homossexualidade masculina, o lesbianismo e a bissexualidade são considerados desvios. A ciência, expressando condicionamentos históricos e sociais, tem tentado provar que essas outras opções, quebras do modelo dominante e 'naturalizado', ocorrem por algum problema biológico.

A última concepção a ser analisada refere-se à bissexualidade. Assim, verificou-se que, para cinco dos/as entrevistados/as (duas professoras e três professores), a bissexualidade é considerada uma relação não aceitável, absurda, fora dos padrões sociais.

Com o mesmo sexo e depois com o sexo diferente, eu sou contra. Eu acho um absurdo, principalmente o casal, se você tem o seu parceiro, acredita, confia nele, então ele é o seu parceiro e não ir em busca de outro (Entrevistada 06, escola pública, história).
Não é ideal não, mas já que tem esse tipo de relação, esse tipo de conhecimento, eu não acho bom, eu não acho que seria ideal não (Entrevistado 08, escola pública, educação física).

Para três professoras, a bissexualidade é uma questão de opção. Ou seja, para essas entrevistadas, o que aparece como predominante na sua forma de pensar é a compreensão da sexualidade como algo baseado na liberdade, inclusive questionando entendimentos dessa relação como doença. Logo,

Eu vejo tudo isso muito natural do ser humano, tudo dentro de uma questão de opção realmente. Eu não sou gay porque eu sou doente, eu não sou doente porque sou gay, eu sou gay porque eu quero ser gay e acabou, eu sou gay porque dentro do contexto de sexualidade eu me atraio por pessoas do mesmo sexo, por uma mulher igual a mim ou por um homem (Entrevistada 10, escola particular, geografia).

Dentro do contexto de discussão da categoria 'bissexualidade', uma professora utiliza como adjetivo para as relações homoeróticas a palavra agressividade, denotando sua rejeição. Ou seja:

Eu acho que o que eu desejo mesmo é o sexo normal, é a heterossexualidade, mas a bissexualidade, eu não gostaria de ter essa experiência jamais, não queria nunca que tivesse dentro assim pessoas do meu convívio, mas eu acho menos agressivo, mas é a mesma coisa, a agressão é a mesma, porque não deixa de ser uma homossexualidade também. Mas eu digo, como antes: eu respeito e acho que a pessoa para chegar a isso tem que se trabalhar, tem que eliminar todos os grilos que possam atrapalhar a sua vida, mas que a pessoa acha que está feliz, que vai se realizar, que não vai ter nada a ver com o seu plano profissional, seu plano social, que é uma coisa íntima, particular, tem todo o meu respeito (Entrevistada 02, escola particular, português).

Nessa fala, percebem-se nuances de uma contradição: a entrevistada apresenta pontos de abertura à opção sexual das pessoas, mas ao mesmo tempo termina por negar indiretamente essa tal abertura, tanto ao considerar as relações bissexuais como agressivas, como ao reafirmar o mesmo sobre a relação homossexual. Ainda, a sua abertura em relação à liberdade sexual parece vir acoplada à expectativa de que a opção pode ser feita, desde que se contenha a manifestação dessa escolha. É como se a pessoa que tem uma opção sexual diversa da heterossexualidade deva limitar as formas de manifestá-la; as manifestações devem ficar circunscritas ao foro íntimo, particular.

Quando se buscou realizar um estudo acerca do entendimento dos/as professores/as do ensino fundamental sobre a sexualidade, não se podia deixar de verificar se a abordagem desta temática era discutida na sala de aula, e em que situação isso ocorria. Sendo assim, dos/as dez entrevistados/as, apenas uma professora afirmou nunca ter abordado a temática em sala de aula, nem de forma planejada, nem a partir de questionamentos espontâneos dos/as alunos/as. Os/as demais participantes (cinco professoras e quatro professores) afirmaram que a disciplina em si apresenta pouco espaço para a discussão específica desse conteúdo. Esses temas geralmente surgem espontaneamente e nessas situações, eles são debatidos. Houve indicações de que, a partir de uma brincadeira, de uma frase, um texto, essas questões podem surgir e aí, pode-se contextualizar historicamente a discussão, esclarecer dúvidas, situar os/as alunos/as na realidade, ou seja, ponderar com eles/as temas como namoro, AIDS, divisão de tarefas masculinas e femininas etc. Nesse sentido, algumas falas podem ser expressas:

Porque é assim, textos diretamente ligados para o assunto em si, não é muito comum. [...]. Esses assuntos em linhas gerais a gente sempre comenta. Eu acredito que a maioria dos professores faz isso, há uma necessidade (Entrevistado 8, escola pública, educação física). Olha, eu especificamente não trabalho com estes temas, mas sempre surge dentro da sala de aula alguma abordagem e a gente comenta. E a gente faz este levantamento, por exemplo, é muito comum um aluno chegar pra gente assim ‘fulano ficou com fulano, ficou com cicrano, daí vai contando os ficas’. Aí a gente pra mostrar que aqueles ficas são lances que vão acontecendo e que não vai perturbar, não vai prejudicar a pessoa. Então, a gente comenta sobre namoro, sobre o casamento, faz uma comparação entre os namoros antigos com os de hoje. [...]. Então, sempre procuro mostrar a questão da valorização da mulher que a gente não pode perder. Essa questão de se valorizar. Só tenho valor, se me der o valor (Entrevistada 5, escola particular, história).

Dentro desse contexto, fazendo-se um desdobramento da discussão que ora vem sendo apresentada, ao se analisar a importância de se abordar sobre a sexualidade em sala de aula, observou-se que duas professoras e dois professores relacionaram essa importância com a ‘mudança de mentalidade do/a aluno/a e o respeito pela diversidade’; isso por entender que o trato dessas questões pode minimizar situações de preconceito, ajudar o/a aluno/a a se conhecer melhor e saber lidar com as diferenças. Algumas falas podem exemplificar esse entendimento:

Ia abrir a mente destas pessoas que são, principalmente tradicionais, a gente tem muitos alunos que são tradicionais, que mantêm uma postura de discriminar, de criticar mesmo, mangar como se diz. Às vezes, o menino tá mudando a voz, quando ele fala qualquer coisa na sala que afina, então surgem críticas. Então, a gente tem que tá em cima disso, pra poder mudar a mente deste povo, clarear que é pra poder mostrar que dentro da sociedade a gente tem direitos que devem ser respeitados (Entrevistada 05, escola particular, história).

Conscientização. Eu às vezes vejo uma menininha, isso é raro também onde eu trabalho, mas às vezes uma menininha de 13, 14 anos de idade já com uma vida sexual ativa, alguma já engravidou. Isso retarda e muito o crescimento dela como pessoa humana, como estudante, e a profissional que ela sonhou ser um dia, quando elas entram nesses caminhos, se torna tudo mais difícil na vida delas. Às vezes em sala de aula eu faço esses comentários, com certa raridade, mas eu faço (Entrevistado 07, escola particular, ciências).

Na fala da entrevistada 05, faz-se pertinente a preocupação com desmistificar certos posicionamentos de alunos/as, buscando desconstruir os aspectos tradicionais que veiculam ainda de forma muito intensa entre os/as mesmos/as. Observa-se, por conseguinte, que a entrevistada apresenta uma visão mais aberta sobre a vivência das questões da sexualidade, numa perspectiva de respeito pelos direitos de cada um.

Já na fala 07, outro aspecto importante e complementar ao anterior é suscitado com mais veemência, qual seja: trabalhar numa perspectiva de conscientização. Há no conteúdo dessa última fala um alerta à falta de informação entre os/as adolescentes, o que tem contribuído para o aprofundamento de problemas sócio-emocionais, afetivos, familiares, principalmente na fase da adolescência. Logo, o processo de conscientização, apontado pelo entrevistado, é fundamental - como também se pode pontuar a necessidade dessa conscientização ser também extensiva à classe de professores/as e corpo escolar.

Tendo-se apresentado até aqui a pertinência do tratamento - de forma educacional - das questões referidas, outro aspecto foi evidenciado pelos/as demais entrevistados/as (quatro professoras e dois professores), referente à 'necessidade de maior preparação do/a professor/a' para lidar com as questões de sexualidade.

[...] Não sei se é uma visão conservadora, atrasada, não sei, eu acho que essa questão da sexualidade não é que ela não deva ser discutida, mas ela tem que ser muito bem pensada porque ela mexe muito com a questão, como é que eu digo, íntima. Eu acho que é muito particular, muito, como é que eu diria, ver se eu acho a palavra, é muito pessoal. Então, eu acho interessante no sentido assim de você de repente ajudar os adolescentes, os alunos nesta questão de dúvidas, de identificação, alguma coisa nesse tipo. [...] É um tipo de temática que eu particularmente não ousaria trabalhar assim, claro que não é o caso da minha disciplina, mas assim dentro dessa idéia que a gente deve ter muito cuidado onde a gente tá, com que a gente tá lidando, afinal de contas a gente tá lidando com pessoas. E muitas vezes um tipo de orientação dessas pode traumatizar alguém, eu acredito. Você vai

impor, você vai criar regras de condutas para o exercício da sexualidade das pessoas? (Entrevistada 10, escola particular, geografia).

Eu acho que esses temas são temas que são ainda polêmicos, são temas importantes de serem comentados em sala de aula com os alunos. Há um despreparo de minha parte como professor, da parte dos meus colegas como professores de abordar o tema, de esclarecer o tema, de tratar das mais diversas informações para os alunos (Entrevistador 09, escola pública, geografia).

As duas falas refletem, antes de tudo, o despreparo do/a professor/a em lidar com as questões da sexualidade e apontam justificativas como: serem temas considerados por eles/as íntimos demais ou ainda bastante polêmicos; o receio de determinadas orientações terminarem sendo impositivas de regras de comportamentos sexuais. Nesse sentido, os/as entrevistados/as reafirmam a importância que a abordagem dessa temática tem para a vida do/a aluno/a, mas na hora de intervir, esbarram no seu próprio despreparo em lidar com essa realidade.

Diante dessas considerações, o que se percebe é que situações e questionamentos envolvendo a temática da sexualidade surgem em sala de aula, e o/a professor/a necessita intervir. Mas pode-se inferir, também, que essa intervenção é algo a ser reavaliado, pois o/a professor/a está despreparado/a para lidar com essa realidade.

CONCLUSÕES

A escola precisa fundamentalmente ser reavaliada no seu fazer, pois ela tem-se colocado muito à margem da sua responsabilidade social de gerenciar discussões tão essenciais para a vida do/a aluno/a, a exemplo da temática da sexualidade. O currículo escolar precisa ser mais aberto para ressignificar a função social da escola, pois esta se constitui num espaço de formação da criança, do adolescente, e, como parte dessa formação, há a necessidade de prepará-los para a vida.

Discorrer sobre o que é sexualidade, demonstrando segurança do significado desse tema em nível teórico foi uma discussão que pareceu próxima da realidade do universo conceitual de professores/as entrevistados/as, o que, no entanto, não foi menos polêmico. Falar sobre sexualidade, aparentemente, causa inquietação e certo desconforto teórico na vida dos/as entrevistados/as. Seus posicionamentos sobre as variações da sexualidade voltaram-se, mais especificamente, para a heterossexualidade. Houve reconhecimento, por parte de poucos/as entrevistados/as, de que é importante partir do entendimento de vivência da sexualidade acoplada ao direito de escolha sexual de cada ser humano. Porém, constitui-se como predominante a concepção de sexualidade como algo intrínseco à natureza humana e às outras espécies animais (visão biologizante), não se reportando à perspectiva de construção social e, dentro deste contexto, a vivência da sexualidade aparece determinada a partir da heterossexualidade como norma.

Os/as entrevistados/as apontaram que o tema sexualidade não está incluso na proposta curricular, não havendo inserção dessa temática no planejamento dos conteúdos. Contudo, indicaram haver uma demanda espontânea, por parte dos alunos/as, para o debate acerca da sexualidade, o que ocasiona em intervenção dos/as professores/as no sentido de orientar e esclarecer questões surgidas em sala de aula. Dentro desse

contexto, os/as professores/as admitem seu despreparo para lidar com o tema sexualidade, em virtude tanto de determinados posicionamentos conservadores que permeiam suas concepções acerca do referido tema, como pela falta de capacitação promovida pela escola, a qual, segundo os/as entrevistados/as, precisa assumir sua responsabilidade neste processo.

Mediante essas considerações, parece inevitável tecer ponderações sobre a raiz desse despreparo do/a professor/a que deve ser visto pelo menos, a priori, pelos seguintes ângulos: a insatisfação que rodeia a realidade de ser professor/a, relacionada, entre outros fatores, com a falta de estímulo e apoio para o exercício da sua profissão; a incompatibilidade gerada no fazer profissional a partir de uma exigência cada vez mais crescente do/a professor/a trabalhar o/a aluno/a para saber conviver com a diversidade, quando a escola ainda não apresenta um currículo que dê suporte a essa demanda; e também a ausência de capacitações relacionadas ao tema da sexualidade. Então, fica a questão: Como o/a professor/a pode vir a sentir-se preparado para lidar, de fato, com as questões da sexualidade? Porém, não se pode isentá-lo da responsabilidade de buscar os meios que lhe são possíveis para esse preparo. Certamente, um primeiro passo nesse sentido seria reavaliar o seu entendimento sobre a sexualidade, numa perspectiva de adotar posicionamentos menos rígidos sobre essas questões.

Assim, o que se buscou realizar com este estudo foi um mergulho numa amostra de professores/as para apreender seu entendimento sobre a sexualidade enquanto processo familiar, ou não, as suas concepções de vida e as suas experiências em sala de aula. Percebeu-se, de maneira geral, a presença de posicionamentos não permissivos para as vivências da sexualidade que não sejam as heterossexuais. Contudo, há o reconhecimento, por parte deles/as, da importância de esses temas serem trabalhados junto aos educandos, com a finalidade de ajudar cada um a ter um olhar - mais desprovido de tabus e desigualdade de direitos - sobre essas relações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBIERI, Teresita de. **Sobre a categoria gênero**: uma introdução metodológica. Trad. Antonia Lewinsky. Recife: SOS corpo, 1993.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: apresentação dos temas transversais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CARIDADE, Amparo. A construção cultural da sexualidade. . In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **O prazer e o pensar**: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Editora Gente: Cores-Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999. Vol. 2.

FARIA, Nalu. **Sexualidade e gênero**: uma abordagem feminista. São Paulo: SOF, 1998.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLDENBERG, Mirian. Homem/Mulher: o que existe de novo? In: RIBEIRO, Marcos (Org.). **O prazer e o pensar**: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Editora Gente: Cores-Centro de Orientação e Educação Sexual, 1999. Vol. 1.

LOYOLA, Maria Andréa. A sexualidade como objeto de estudo das Ciências Humanas. In:

LOURO, Guacira Lopes. A emergência do gênero. In: LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____. Segredos e mentiras do currículo. Sexualidade e gênero nas práticas escolares. In: SILVIA, Luiz Heron da (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____. O currículo e as diferenças sexuais e de gênero. In: COSTA, Marise Vorraber (Org.). **O currículo nos limiares do contemporâneo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

PARKER, Richard. Cultura, economia política e construção social da sexualidade. In: LOURO, G. L. (org). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SANTOS, S. S. Matriculando o corpo na escola: o diálogo da educação física com as outras disciplinas. In: RIBEIRO M. (Org.) **O pensar e o prazer**: orientação sexual para educadores e profissionais de saúde. São Paulo: Editora Gente, 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

Artigo recebido: 14/11/2007